

O PAPEL DA ORIENTAÇÃO OCUPACIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Denise Soréli de Miranda Rodrigues¹

RESUMO: O presente artigo aborda os benefícios da orientação ocupacional durante a adolescência, fase em que se inicia a vida profissional. Valendo-se de evidências, das teses de especialistas no tema e de outras metodologias de análise pouco usuais, como o estudo comportamental de diferentes gerações e o processo de amadurecimento do adolescente, a pesquisa tem por objetivo obter uma resposta isenta de subjetivismos e das paixões de apoiadores da área.

Palavras-chave: Orientação. Ocupação. Psicologia, Juventude.

ABSTRACT: This article discusses the benefits of occupational guidance during adolescence, when the professional life begins. Using the evidence, the theses of specialists in the subject and other unusual methodologies of analysis, such as the behavioral study of different generations and the process of maturation of the adolescent, the research aims to obtain a response free of subjectivism and passions of area supporters.

Keywords: Orientation. Occupation. Psychology. Youth.

INTRODUÇÃO

Embora habitualmente relacionado à juventude, o ato de escolher uma profissão se mostra dificultoso em qualquer fase da vida. Mais do que decidir sobre que profissão seguir, a escolha profissional acarreta em decidir – ainda que indiretamente – quem se irá ser no campo profissional. Se a decisão por si só já se revela dificultosa, quando associada aos acontecimentos inerentes à adolescência, se transforma num problema de grandes proporções, que se não encarado com serenidade podem se transformar em distúrbios de ordem psicológica. Nesse ponto a orientação profissional pode evitar uma série de inconvenientes e ainda guiar o adolescente na difícil missão de formar e seguir sua vocação.

¹ Licenciatura e Bacharelado em Psicologia pela Universidade Braz Cubas. Mestrando em Ciências da Educação Unigrandel – Universidade Grandel.

ADOLESCÊNCIA

O período da adolescência é um dos mais conturbados do ciclo de vida humana. Além dos cruéis processos de transformação hormonais e físicos, existe também a pressão de uma transformação comportamental, do abandono da infância e da entrada na vida adulta. Essa pressão, unida ao drama da iniciação da vida profissional e, mais recentemente à questão do vestibular, transformam essa fase num verdadeiro inferno.

O período, que também é marcado pela formação da identidade ocupacional, acaba convergindo com o processo de emancipação do adolescente do estreito vínculo familiar existente na infância. Esse período é por excelência um momento extremamente traumático, já que é nele em que há a introdução aos primeiros dramas da vida adulta, e ao mesmo tempo o abandono da segurança da infância, quando os pais são para os filhos figuras heroicas e infalíveis.

Segundo Papalia, Olds e Feldman (2009), o entendimento da adolescência como uma fase de transição, ou melhor, de desenvolvimento, é recente. Nos EUA, até o início do século XX, os jovens eram considerados (e tratados) como crianças até efetivamente se tornarem adultos, ou seja, casarem, arranjam emprego, terem filhos, etc., por volta da década de 1920, com a ascensão de muitas famílias a classe média houve um aumento expressivo na demanda de escolas de nível médio, a partir daí os anos da adolescência passaram a ser vistos como um período intermediário entre a infância e a vida adulta, muito importante para o pleno desenvolvimento dos filhos.

Observando esse período fica claro que a adolescência se trata de uma construção social e não biológica, e isso é provado ao se analisar a realidade de sociedades pré-industriais, como a dos nativos norte-americanos, onde há apenas a infância e a vida adulta. Graças ao conceito, a entrada à vida adulta leva mais tempo, e não é tão bem definida como de outrora. A puberdade ocorre mais cedo, porém a vida profissional se inicia tardiamente, para que os indivíduos possam passar por períodos de treinamento mais longos, objetivando prepara-los integralmente para as responsabilidades da vida adulta.

Ximenes (2004) compartilha desta visão, e chama atenção que hodiernamente esse período vem se expandindo ainda mais, sobretudo nas camadas abastadas da sociedade, onde os pais priorizam a preparação dos filhos, acreditando que esse é o caminho para que estes se tornem adultos de sucesso. Em detrimento dessa preocupação

das classes mais altas, dentre os mais pobres a adolescência muitas vezes acaba prematuramente, para que esses adolescentes possam ingressar no mercado de trabalho e ajudar a família, privando-os de se desenvolver profissionalmente de forma plena.

Ademais, a adolescência vem tomando o centro das investigações e se consolidando como objeto de interesse dos pesquisadores mundo a fora, desde que a sociedade ocidental moderna se transformou após as guerras mundiais. O termo já foi discutido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que o definiu como o período que vai do aparecimento dos caracteres sexuais secundários para a maturidade sexual. No âmbito psicofísico, os indivíduos evoluem da fase infantil para a adulta e se atinge finalmente a independência. Ainda assim, não houve uma definição que tenha sido universalmente aceita, por isso, fica-se entendido que não há limites específicos à adolescência e que o termo corresponde a uma classificação social. Reis e Zioni, (1993).

Quanto ao início da adolescência, Castanho (1988) afirma que ela é marcada pela puberdade, que é um processo biológico e hormonal, quando ocorrem as principais transformações do ciclo de vida humano. Entretanto, a adolescência em si é um processo psicológico, muito mais dependente de fatores socioculturais do que biológicos, por isso existem vários autores, assim como afirma Dadoorian (2000), que defendem que os processos são essencialmente separados. Além disso, por ser um processo cultural a adolescência também varia dentre culturas, enquanto a puberdade é muito parecida para todos os seres vivos.

Mansão (2000) coloca em evidência uma série de adaptações que ocorrem na adolescência, a exemplo da transição do ser cuidado para o ser independente, o da brincadeira para o trabalho, etc. Este momento de transições marca uma série de demarcações psicológicas, como a definição da vocação profissional.

Lisboa (1997) defende que a adolescência é uma das fases mais complexas da vida humana, pois gera inúmeras inseguranças devido à velocidade e a quantidade de transformações acontecendo simultaneamente. Para, além disso, o indivíduo prova exigências e enfrenta expectativas de familiares e por parte da sociedade como nunca havia sofrido esse fato associado a uma série de transformações biológicas torna o período em um dos mais estressantes e infernais em toda a vida humana.

Para a autora, algumas das características da vida adulta se destacam nessa miscelânea de transformações por se distanciarem profundamente dos presentes na infância, como a alteração de referências e pontos de identificação. Até então as figuras

de identificação mais importantes foram os pais. Com a adolescência, outras figuras despontam como as mais relevantes nessas funções. Estas são, por exemplo, o grupo de amigos, os personagens que se evidenciam nos esportes, música, cinema e televisão e os professores.

Segundo Castanho (1988) os adolescentes se rebelam contra os pais e seus valores para separar sua identidade da de seus progenitores, visto que na infância a identidade da criança era praticamente uma extensão da identidade dos pais. Esse espaço deixado vazio, no entanto preciso ser preenchido, e o grupo de amigos encontra essa função, é neles que os jovens vão encontrar as bases para a definição de uma identidade autônoma, baseada nos papéis de cada indivíduo no grupo.

Essa substituição dos pais por outras figuras é muito importante e constitui uma das tarefas principais da adolescência, já que é a partir dela que se dá a estruturação da identidade que, embora comece a ser moldada já na infância, é na adolescência que ela se define. A identidade se organiza a partir das inúmeras identificações e referências: primeiramente, com a mãe, logo em seguida com o pai e depois com outros membros da família e, finalmente, com professores, amigos, ídolos e pessoas da sociedade em geral. A organização da identidade ocorre na adolescência, e é um processo que, como os outros acontecimentos desta fase, podem conter turbulências e dificuldades, provocando perplexidade e muitas vezes dificuldades em lidar com as mudanças por parte dos adultos Outeiral (1994).

Na mesma linha, Carvajal (1998) afirma que a base fundamental para a cristalização da identidade na adolescência é o rompimento e os questionamentos aos modelos adultos. Ao mesmo tempo em que os adolescentes repudiam valores e características infantis também questionam e ressignificam os modelos adultos que lhe foram apresentados até então. Esse processo se dá também pela necessidade de se diferenciar dos pais, e buscar uma identidade própria e a independência psicológica.

De acordo com o autor, o adolescente passa por três etapas na adolescência, para que este processo de desconstrução e reconstrução da identidade se conclua: adolescência puberal, nuclear e juvenil. A adolescência puberal é o momento de maior transformação corporal, a etapa própria da despersonalização. É onde surgem atitudes de desobediência e enfrentamento aos pais. O adolescente para de idealizar os pais como figuras perfeitas, enxergando suas fraquezas e limitações. Há nessa fase uma profunda repulsa pelos comportamentos e tratamentos infantis.

Essas transformações se aprofundam na adolescência nuclear, há um investimento afetivo num grupo de amigos e um desinvestimento nos pais. Como já aludido acima, é o período onde o grupo de amigos assume o espaço de referência para o jovem. O grupo passará a ditar regras e normas de conduta, além de definir quais são as funções do adolescente na estrutura social, por isso a possibilidade de ser excluído causa muito medo.

Por fim, na adolescência juvenil, ocorre a cristalização da identidade construída nas outras duas etapas, com uma aproximação ao mundo adulto. Existe um progressivo distanciamento do grupo e uma reaproximação com os pais e demais familiares. É a fase do início da carreira profissional e dos primeiros relacionamentos sérios.

Pode-se dizer que a adolescência é um período de perdas: perda do corpo como se conhecia infantil, pois o adolescente precisa se acostumar com o corpo adulto; perda da identidade, visto que deve haver uma desconstrução e uma reconstrução, como descrito acima; a perda dos pais da infância, idealizados e heroicos, cada vez mais vistos com seus atributos humanos e falíveis. Tais perdas são necessárias para que tomem lugar novas condições que vão surgindo e preenchendo a identidade do jovem adulto Aberastury (1971).

Em meio a todas essas dificuldades a necessidade da escolha de uma carreira se revela mais um complicador para a já espinhosa jornada do adolescente rumo à vida adulta. Cada um dos fatores determinantes para a formação identitária na adolescência, como papel no grupo a que pertence, apoio da família, condições socioeconômicas, etc., serve também para a formação da vocação, ou melhor, da identidade ocupacional.

APOIO PROFISSIONAL

A orientação vocacional, ou orientação profissional, como alguns profissionais da área tem preferido chamar, tem constituído discussão em diversas áreas de estudo, e sido foco da pesquisa de inúmeros acadêmicos. Da psicologia a pedagogia, da administração as ciências sociais, a questão vem sendo analisada e ganhando cada vez mais espaço na comunidade científica. Devido à importância do tema, dado que a escolha profissional é um momento de crise sem par, independentemente de faixa etária de quem passa pela situação, a discussão tem sido realizada com muito cuidado, inclusive terminológico. Devido ao sentido de habilidade inata e natural, que a palavra

vocação evoca, tem-se preferido o termo orientação profissional, a fim de se passar corretamente a ideia de que a identidade ocupacional é criada a partir de vivências pessoais inseridas na realidade política de uma determinada comunidade e em uma época específica.

A escolha de uma profissão, ou a mudança para outra área cria conflitos muito maiores do que simplesmente “começar uma carreira nova”, trata-se de um momento de apropriar-se de uma nova identidade profissional, de alterar traços pessoais que definem a personalidade dos indivíduos. É, portanto, um processo muito mais complicado e possivelmente muito mais traumático do que pode se parecer à primeira vista. Muito além de ter que se responder “o que vou fazer daqui para frente?”, tem-se que responder “Quem serei daqui para frente?”.

Nessa perspectiva a vocação deixa de ser norteadora pela metodologia psicométrica tradicional, denominada de modalidade estatística por BOHOSLAVSKY (1979) e passa a ser entendida pela concepção de MÜLLER (1988) como processo de aprendizagem de uma escolha profissional que deverá estar interligado como fatores pessoais e sociais do sujeito, numa dinâmica na qual as relações e as experiências construam esse aspecto componente da identidade.

Entendo a orientação vocacional como uma tarefa clínica, cujo objetivo é acompanhar a um ou mais sujeitos na elaboração de suas reflexões, conflitos e antecipações sobre seu futuro, para tentar a elaboração de um projeto pessoal que inclua uma maior consciência de si mesmos e da realidade socioeconômica, cultural e ocupacional que permita aos orientandos aprender a escolher um estudo ou ocupação e preparar-se para desempenhá-lo. Esta ideia de orientação vocacional leva os orientandos a considerarem, em primeiro lugar, a construção de si mesmos, antes que a escolha eventual de uma ou outra profissão, dado que é a partir do esclarecimento de quem se é e aonde se deseja chegar que se depreende o que se quer fazer (MÜLLER, 1988, pp. 8 e 9).

Ainda que nessa pesquisa por vezes se use o termo orientação vocacional, devido a este estar mais solidamente fixado na literatura e no imaginário popular, ressalta-se que, assim como a posição majoritária sobre o tema, este artigo defende o ponto de que a identidade profissional é construída a partir de experiências do sujeito, e não de habilidades inatas e intrínsecas. A construção da identidade está ligada a história pessoal do indivíduo e não de características naturais e imutáveis, portanto.

Quanto à motivação para a existência da orientação profissional, há vários que podem ser listados facilmente: o desemprego, a concorrência cada vez mais acirrada no mercado profissional, as mudanças nas condições para aposentadoria, a realidade

socioeconômica nacional cada vez mais complicada, a crescente demanda por preparação profissional e formação acadêmica, dentre muitas outras. Situações que tornam a construção de uma carreira não só um processo mais difícil e oneroso, mas também muito mais estressante.

Simultaneamente, tem-se constatado, e de modo cada vez mais perceptível, os danos a toda a sociedade por más escolhas profissionais. Desde a redução da produtividade nacional até os altos índices de evasão de universidades públicas gerando gastos de dinheiro público sem qualquer retorno, o ônus de uma escolha frustrada afeta a todos de maneira indireta.

Devido a todos esses motivos se torna premente a necessidade de uma expansão significativa na área da orientação profissional, a fim de mitigar esses danos. Essa expansão pode ocorrer em diversas frentes, dando-se não só nas clínicas, mas, sobretudo, em escolas e instituições educacionais, aonde se concentra aqueles mais afetados por essa fase, os adolescentes.

- **Consequências pessoais de uma má escolha**

Como já introduzido, ignorar ou negligenciar a vocação no processo de escolha profissional tem se mostrado um motivador para a crescente insatisfação das gerações mais novas na vida profissional. As taxas de evasão no ensino superior vêm servindo cada vez mais como indicadores para essa questão: Os dados do Censo da Educação **Superior** 2015 revelam que a **taxa de desistência** dos estudantes do **ensino superior** em 2014 foi de 49% e a de conclusão, 29,7%. Cerca de 21% dos estudantes que entraram em 2010 permaneciam nas universidades em 2014. Ainda que não existam dados para evidenciar um nexo causal entre o fato e a tese, diversos especialistas sustentam que esse fenômeno pode estar sendo causado pelo modelo de ingresso no ensino superior, que força o adolescente a escolher – geralmente entre os 17 e 18 anos – a carreira que supostamente irá seguir para o resto da vida, muitas vezes antes mesmo de identificar sua vocação.

Está claro que existe um desajuste entre a oferta de educação superior no Brasil e o interesse dos estudantes, tendo em vista que os indicadores de evasão e de abandono de curso e todos os outros que indicam a não conclusão dos programas originalmente cursados são muito evidentes. Possivelmente, isso tem relação com modelos de cursos desenhados essencialmente para um país que não existe, num mundo que não existe mais há muito tempo (BARONE, 2016, p.44).

Outros desdobramentos merecedores de atenção na esfera pessoal são a insatisfação da geração Y e da geração Z, ponto que será devidamente analisado em breve, e a prática cada vez mais comum de se reposicionar no mercado de trabalho: profissionais que trocam de área tardiamente devido à insatisfação pessoal em seu emprego.

- **Consequências para a sociedade de uma má escolha**

As consequências de ignorar a identidade ocupacional não se restringem ao âmbito pessoal, mas se estendem para níveis que abraçam e abrangem toda a sociedade. Um profissional insatisfeito compromete o funcionamento pleno de sua equipe, empresa e até comunidade. Uma sociedade com um número elevado de profissionais insatisfeitos provavelmente terá um número reduzido de profissionais de excelência, o que compromete sua produtividade, e seu avanço. **Mariana Branco (2017)**, a título de exemplo, o Brasil ocupa o penúltimo lugar na classificação geral de competitividade em um ranking de 18 países, à frente somente da Argentina. A baixa produtividade brasileira é explicada por uma série de fatores, dentre os quais está o despreparo e a falta de capital humano na produção, maus causados dentre outras coisas, por profissionais desmotivados.

- **O mal das novas gerações**

As gerações Y e Z constantemente são caracterizadas como ambiciosas, ansiosas e desfocadas, entretanto, esses adjetivos são comuns ao se tratar de uma nova geração. Os componentes da geração X foram taxados da mesma forma a seu tempo, e os Baby Boomers antes deles. O mundo é cíclico, e as novas gerações normalmente são recepcionadas de forma parecida.

Com o tempo o amadurecimento e a experiência farão com que essas gerações tomem seus espaços no mercado. Entretanto uma característica que parece de fato pertencer a geração Y é a de não sabe lidar com frustrações. Nos últimos 30 anos se preparou bem menos os jovens para lidar com perdas do que se preparava as gerações anteriores. De alguma forma, a sociedade e a família transformaram o seu discurso e sua forma de lidar com os filhos, protegendo-os de frustrações o máximo que era possível.

Essa proteção deixou os jovens mais frágeis e despreparados para o mercado de trabalho. Altamente qualificado academicamente. Mas, sem uma “casca”, uma cicatriz, que dê força para suportar a realidade da vida profissional. O jovem acredita que o mundo corporativo irá trabalhar a favor dele. Ou que os gestores irão agir como os pais,

dividindo a responsabilidade, numa espécie de companheirismo, protegendo e dando benefícios antes de haver resultados. Só que a vida real não é dessa forma.

Por esse motivo se formam titânicas distinções entre expectativas e realidade nas novas gerações, o que causa muita frustração em seus componentes, iludidos pela certeza de serem especiais, “escolhidos”. Confunde sua vocação com um talento inato, o que em boa parte explica sua insatisfação profissional.

Pelo que se tem observado essa característica se intensificou ainda mais na geração Z, e parece estar presente também na geração dos Milleniuns. O verdadeiro mal das novas gerações, que demonstra como a identificação da vocação, mais comum e valorizada na atualidade do que de outrora, não é garantia da realização profissional.

Por isso serão analisados principalmente as gerações X, Y e Z, que parecem demandar especialmente da orientação profissional, mas também irá se recorrer ao perfil psicológico da geração nomeada de *baby boomers*, a fim de ilustrar com clareza as transformações entre cada geração, e como as escolhas profissionais e a formação vocacional se modificou de lá para cá.

Mas antes de dar início a essa análise convém definir o que significa “geração”, visto que este é um termo recorrente. O termo trata de um grupo de indivíduos que nasceram e cresceram em um mesmo período, e por isso viveram os mesmos eventos históricos e sociais que contribuíram para a construção de seus valores e objetivos. O que nos leva a considerar, que componentes de uma mesma geração possuem expectativas e objetivos similares (WESTERMAN; YAMAMURA, 2007).

Uma vez que se tenha compreendido o termo pode se partir para a análise das diferentes gerações, e quais são as características de cada uma que influenciam no processo de construção da vocação profissional.

Iniciando pela geração X, que é composta por pessoas nascidas no período de 1968 a 1979: apresentam fortes traços de descrença e desconfiança em relação às empresas e ambientes de trabalho, por conta disso tem baixo comprometimento com a produtividade e progresso da instituição em que estão inseridos. Valorizam exageradamente a independência e preferem trabalhar sozinhos. Também costumam estar sempre em busca de oportunidade para empreender.

A geração Y, por sua vez, abrange os nascidos no período de 1980 a 1991. São caracterizados por procurarem flexibilidade em suas carreiras. Devido a não lidaram bem com organizações hierárquicas procuram autonomia em seus trabalhos. Possuem a

vantagem de se adaptarem facilmente a novas tecnologias, e de estarem plenamente inseridos na era da informação, entretanto, sofrem de graves defeitos quanto à insubordinação e a dificuldade de serem geridos.

Finalmente a geração Z, composta por indivíduos nascidos no fim da década de 1990, é caracterizada por estar totalmente inserida no mundo digital. Seus componentes foram chamados pela psicóloga e coach Julia Ramalho Pinto de ciborgues digitais.

Segundo algumas pesquisas, os jovens brasileiros são os mais dependentes das redes sociais e constituem o primeiro grupo que passou todo o período da adolescência conectado à internet. Não temos nenhuma geração anterior que tenha vivido isto. Temos como dado que 88% dos jovens brasileiros gostariam de ter um dispositivo conectado à rede mundial de computadores dentro do próprio braço, e isto diz muito de como eles passaram a funcionar. Que tipo de conflito eles vivem em casa? É mais do que um choque de geração: o *gap* geracional ficou bem maior agora que estamos falando de lógicas diferentes de funcionamento. O que tenho visto no consultório é a dificuldade dos pais humanos e analógicos de entenderem o jovem ciborgue e digital. O que faz todo o sentido: passar do analógico para o digital e do digital para o analógico não é coisa simples, é necessário um conversor. Ou melhor, um conversador (PINTO, 2016, entrevista ao portallabuta, pp.1).

É a geração mais intensamente inserida na era da informação. São os filhos da geração X e Y, e representam um desafio de entendimento para seus pais, familiares, educadores e orientadores profissionais que tentam auxiliá-los na missão de organizar, selecionar, hierarquizar e dar sentido ao oceano de informação a que são expostos constantemente. Por terem nascido num mundo já globalizado, possuem uma noção ampla do seu papel na sociedade como profissional. Dessa característica surge uma vantagem importante, a capacidade de enxergar as empresas e os ambientes de trabalho por uma perspectiva panorâmica, como um todo, sendo capazes de visualizar falhas e pontos desconexos no funcionamento da instituição em que estão inseridos. Os indivíduos dessa geração estão constantemente conectados ao mundo digital, por isso buscam um mercado de trabalho que condiz com isso. Nutrem expectativas por um ambiente conectado, rápido, flexível, aberto ao diálogo e sem horários rígidos.

Retornando as gerações X e Y, e analisando também a geração dos Baby Boomers a partir da percepção sobre expectativas em torno do crescimento profissional pode-se tirar as seguintes conclusões sobre cada uma das gerações: os Baby Boomer atribuem grande valor as relações políticas e hierárquica nas empresas e ambientes de trabalho. Já as gerações X e Y tendem a serem mais questionadoras, o que as fazem atribuir mais importância a sua percepção do porque estão realizando determinadas atividades do que a organização hierárquica presente na instituição.

Concluindo essa abordagem, é importante ressaltar que esses perfis são generalizações, e muitas vezes não são compatíveis com a personalidade ou com a vocação de diversos integrantes das respectivas gerações. O objetivo aqui é ter uma lente de análise abrangente, frente a inúmeras subjetividades presentes na formação dos perfis e vocações. Entretanto, salienta-se também que é importante ter em mente que o perfil geracional é só um dos muitos fatores existentes para a formação da vocação, e que mesmo que não seja preponderante a ponto de se tornar perceptível na personalidade de seus indivíduos componentes, certamente é uma das muitas partículas constituintes da identidade de cada pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um trabalho de orientação profissional demanda um sólido estudo de diversas questões relevantes para o correto encaminhamento da escolha no campo profissional. Desde o processo de reflexão até a relação da decisão com o indivíduo, e em que proporção essa decisão é influenciada por pressões sociais e não por uma inclinação genuína, construída durante a vida, o orientador deve acompanhar o paciente, não como o dono da verdade, mas como um auxílio para passar pelo espinhoso caminho da construção da identidade ocupacional.

Cabe ao profissional da área também sopesar todas as variáveis que motivam o paciente a determinada inclinação, como características geracionais, realidade socioeconômica, situação familiar, etc., para assim conseguir coordena-lo pelo melhor caminho possível.

Ademais, quanto à metodologia de aplicação da orientação, deve-se indagar o quanto sessões coletivas podem ser benéficas, dado que essas limitam o quanto se pode atentar para questões individuais delicadas de cada um dos pacientes. Por outro lado, um modelo coletivo pode suscitar a criação de um ambiente onde o indivíduo se sente parte de um grupo que entende e compartilha seus problemas, reduzindo o sentimento de isolamento e solidão.

Por fim, é importante ressaltar nesse ponto que o processo de orientação não pretende, e nem deve ser um guia de instruções de como se agir, ou dos caminhos a seguir. O que se procura é o encaminhamento para uma escolha que pertence somente ao sujeito. No sentido literal da palavra: a orientação de que métodos usar para tomar

uma decisão assertiva, e, sobretudo, atenuar as dores e os problemas que surgem no período.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, Arminda. *Adolescência*. Buenos Aires: **Ediciones Kargieman**, 1971.
- BARONE, Paula. *Quase metade dos estudantes que entraram na graduação em 2010 desistiu do curso*. São Paulo, **Último Minuto – IG**, 2016.
- BOHOSLAVSKY, R. *Orientação Vocacional: a estratégia clínica*. Trad. José M. V. Bojart. São Paulo: **Martins Fontes**, 1979.
- BRANCO, Mariana. *Brasil ocupa penúltimo lugar em competitividade em ranking da CNI*. Brasília, **EBC**, 2017.
- CARVAJAL, Guillermo. *Tornar-se adolescente: a aventura de uma metamorfose*. São Paulo: **Cortez**, 1998.
- CASTANHO, Gisela M. Pires. *O adolescente e a escolha da profissão*. São Paulo: **paulinas**, 1988.
- DADOORIAN, Diana. *Adolescência*. In: DADOORIAN, Diana. *Pronta para voar: um novo olhar sobre a gravidez na adolescência*. Rio de Janeiro: **Rocco**, 2000.
- LISBOA, Marilu Diez. *Ser quando crescer... A formação da identidade ocupacional*. In: LEVENFUS, Rosane (org). *Psicodinâmica da escolha profissional*. Porto Alegre: **Artes Médicas**, 1997.
- MANSÃO, Camélia S. Murgo. *Ampliando os rumos da orientação profissional no novo século – Uma experiência na 8ª série do ensino fundamental*. In: LISBOA, Marilu Diez;
- MÜLLER, M. *Orientação Vocacional: contribuições clínicas e educacionais*. Trad. Margot Fetzner. Porto Alegre: **Artes Médicas**, 1988.
- OUTEIRAL, José Ottoni. *A adolescência e a identidade*. In: OUTEIRAL, José Ottoni. *Adolescer: Estudos sobre adolescência*. Porto Alegre: **Artes Médicas**, 1994.
- PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento humano*. São Paulo: **McGraw-Hill**, 2009
- PINTO, Julia Ramalho. Entrevista ao blog **Portallabuta**: <https://portallabuta.wordpress.com/tag/vocacao-profissional/> . Post. floralibanio 2016.
- REIS, Alberto Olavo Advincula; ZIONI, Fabiola. *O lugar do feminino na construção do conceito de adolescência*. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 27, n. 6, p. 472-477, 1993.

WESTERMAN, James W.; YAMAMURA, Jeanne. H. *Generational preferences for work environment fit: Effects on employee outcomes*. **Career Development International**, v.12, n.2, 2007.

XIMENES, Lavínia de Melo e Silva. *O que eu quero ser quando me deixarem crescer?* In: VASCONCELOS, Zandre Barbosa; OLIVEIRA, Inalda Dubeux (orgs). **Orientação Vocacional**: alguns aspectos teóricos, técnicos e práticos. São Paulo: Vetor, 2004